

# Expedições e Descobertas no Paraná e Santa Catarina

(Um Capítulo do livro inédito  
"Conquista do Planalto Catarinense",  
de autoria de Cyro Ehlke).

f) As expedições curitibanas de exploração do rio Iguacu e dos sertões do Tibagi. O descobrimento dos campos de Palmas e Canoinhas. Ainda as explorações do Cel. Jacques Ouriques.

Por ordem do D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Matheus e Capitão General da Capitania de São Paulo, tiveram curso, de 1768 a 1773, uma série de explorações no rio Iguacu ou do Registro (1) abaixo, e aos sertões do Tibagi.

Essas bandeiras partiam de Curitiba, e tinham por finalidade o melhor conhecimento das terras do Brasil Meridional, entre estas de sudoeste, e o extremo na navegabilidade do rio Iguacu. E mais: a exemplo do que já havia sucedido ao sul, com a definitiva ereção do povoado de Lages, em 1766, objetivava-se, com isso, conter as expansões castelhanas igualmente a sudoeste com a afirmação de posse e domínio lusitano até às barrancas do rio Paraná.

Organizaria e provisionaria as ditas expedições em Curitiba, o ajudante de ordens e delegado do Capitão General da Capitania de São Paulo, Cel. Afonso Botelho de Sampaio e Souza, e seriam inicialmente 4 bandeiras, de 100 homens cada. Contrariando, porém, as ordens de D. Luiz Antonio, organizou ele as expedições como póde, e estas foram 12, tendo ele próprio seguido na expedição de 1771 a 1772

A primeira a descer o rio Iguacu ou do Registro, (também chamado, até certa altura, Rio Grande de Curitiba, outras ocasiões Golo-Covó e finalmente Iguacu), foi a bandeira comandada pelos Tenentes Domingos Lopes Cascaes e Bruno da Costa Filgueiras.

Compunha-se de 30 homens, todos voluntários, sem soldos, alguns com apenas 70\$000. Seguiram eles de Curitiba para o "Pôrto de N. Senhora da Conceição de Caiaçanga", no rio Iguacu, onde chegaram a 5 de dezembro de 1768. A 6 de igual mês e ano, punham-se em descida, rio do Registro abaixo, em 3 canoas, navegando por ele coisa de 70 léguas, até transpor os primeiros saltos. No extremo em que chegaram, deixaram seguramente três assinalamentos. Um deles ficou representado numa cruz lavrada em grande pinheiro, e os outros dois, acima da maior queda feita pelo rio Iguacu, ambos em grandes pedras, "com um picão", onde lavraram novas cruzes, e por baixo delas as letras: V. R. P. (3)

Esses primeiros exploradores, ao que tudo indica e leva a crer, penetraram, em 1768, em território catarinense dos atuais municípios de Pôrto União e Canoinhas, pois exploraram, primeiramente embarcados em canoas e depois a pé, os cursos dos rios Timbó e Paciência, da margem esquerda do Iguacu, (ambos antigamente chamados Mogi-Grande e Mogi-Pequeno), como seguidamente comprovaremos. Dessas explorações, em Curitiba, a 11 de abril de 1769, publicaram a "Relação Sumaria da Viagem que Fizemos pelo Rio do Registro Abaixo" (4)

Contando em léguas o caminho fluvial percorrido, descreveram terem verificado a confluência do rio das Pedras (pela margem direita) e Negro (pela margem esquerda), e mais adiante igualmente o Potinga, vindo do lado paranaense,

antes do qual, na confluência mencionada, descobriram uma grande ilha, "de 200 braças de comprimento", a qual, inegavelmente, é a que se conhece, no Iguacu, à altura onde o município catarinense de Canoinhas faz divisa com o Estado do Paraná, pelo atual distrito de Paula Pereira.

Desta ilha, navegando 3 léguas mais, pela margem esquerda, encontraram o "Rio de Mogi Pequeno", (atual Paciência), que apresentava na foz a largura de 15 braças. Prosseguindo, abaixo mais três léguas, estava outra ilha, (esta de "100 braças de comprimento") e, 1 légua depois, com a largura de 50 braças na foz, o "Rio de Mogi Grande", igualmente pela margem esquerda.

Ambos ditos rios foram explorados, na volta, quer em canoas até onde a sua utilização se fazia possível, quer em marchas terrestres, ao limite de suas respectivas nascentes com as serras próximas, entre as quais evidentemente a do Espigão, pois, em seu relatório, dizem os itinerantes mais o seguinte:

"Na volta também exploramos o Rio de Mogi Grande, subindo por ele acima tres dias embarcados, e por não admitir mais navegação subimos por terra outros quatro dias, e dos mais altos cumes se não viu mais que os mesmos matos monstrosos (sic)" (5)

Prosseguem, dizendo: "Também pelo Rio de Mogi Pequeno fizemos a mesma diligencia, mais pequena, por não admitir nacia, subindo embarcados na canoa navegação as grandes, quatro dias, e se não viu mais que a mesma qualidade de matos, e carraqueinhos (6)

Essas penetrações, comprovadas documentalmente, encontram ainda uma certa concordância na tradição oral, colhida pelo autor em Canoinhas, sobre a existência de sinais, ou setas indicativas de caminhos percorridos, pois se afirmava, correntemente, que, às margens do atual Timbó, logo ao se atravessar a serra, eram muito conhecidas as enormes lages com cruzes e setas gravadas na rocha, indicando direções. A lenda e a superstição, porém, envolviam-nas e enfeitavam-nas como misteriosos tesouros escondidos por missionários jesuítas e, como sóe acontecer em tais casos, foram comuns as destruições desses eventuais assinalamentos, por parte de pessoas menos avisadas, que iam à cata de supostos cabedais all ocultos. Dessa forma, pois, fica grandemente prejudicada a exata comprovação histórica, nesse particular.

Não iremos, todavia, além de afirmar que apenas essa primeira expedição deu all entrada, seguramente, que outras foram realizadas, descendo igualmente o Iguacu, e a última, sabidamente a 16 de outubro de 1769, com 85 homens e 2 comandantes, dividida em duas esquadras, em intervalo de dias, em 7 e 9 canoas, respectivamente. Conquanto, ao que referem, tenham ultrapassado o limite da primeira exploração, e repetido, em parte, as marchas terrestres realizadas pela bandeira de Bruno da Costa Filgueiras e Domingos Lopes Cascaes, não parece evidenciado que tenham palmilhado o Sul do Iguacu. Depois desta quinta e última expedição, ao Iguacu, outras foram feitas ainda

por ordem de Botelho Mourão, o Morgado de Matheus, mas estas apenas para o oeste paranaense.

## O DESCOBERTO DOS CAMPOS DE GUARAPUAVA E DOS DE PALMAS. — NOVAS EXPLORAÇÕES DO IGUAÇU

Ocorreu, em 1810, com o descobrimento dos campos de Guarapuava, a fama da existência de outros campos, mais ao Sul, que seriam, os atuais de Palmas, onde os paulistas, no passado, já haviam feito incursões, consoante demonstrado em capítulos anteriores. Em razão disso, alguns sertanistas, dispuzeram-se redescobri-los, tendo-os como de primeira exploração. O primeiro, a organizar-se para tanto, foi José Ferreira dos Santos, que dirigiu a sua expedição aos campos de Palmas, até um lugar denominado Alagoas. Neste tempo, ou seja, em 1839, Pedro de Siqueira Côrtes, e inteirar-se, azeedor, desejou associar-se a aquele sertanista, sendo entretanto repellido.

Forma então outra sociedade, e, pondo-se igualmente em marcha para os referidos campos, abriu nova vereda pelo rio Iguacu, atravessando-o mais abaixo do passo já descoberto e, assim, saluou os campos de Palmas em sua maior extensão. Pondo-lhes fogo, como era praxe para formalizar a descoberta e a posse, volta de viagem pela direção mais curta e, em caminho, encontra-se com a expedição de José Ferreira dos Santos, com a qual mantém alterações sobre a redescoberta e posse dos mesmos campos. Serenados, contudo, os ânimos, decidem por em arbitragem a legitimidade de cada qual, e mandam buscar, para isso, de Curitiba, dois juizes, que foram o Conselheiro João da Silva Carrão e Joaquim José Pinto Bandeira. Estes saíram de Curitiba a 4 de abril de 1840, pondo fim à contenda e dividindo os descobrimentos. De volta, um dos árbitros Joaquim José Pinto Bandeira, resolve voltar pelo novo passo do Iguacu, descoberto por Pedro de Siqueira Côrtes, homem empreensim, dessa nova passagem. Explora, nessa oportunidade, (já se estava a 4 de agosto de 1840,) o rio Iguacu e alguns dos seus afluentes, inclusive o Negro e o Canoinhas. Por este, subiu até determinada altura, verificando que o dito rio não possuía, na parte inferior, cabedal suficiente de água, no que contrastava com a descrita largura de cerca de 50 braças, na foz. Este relato, que está contido na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (7), é prova mais cabal de que a redescoberta dos campos de Palmas, por bandeirantes curitibanos, provocou, incidentalmente, novas entradas destes ao sul do Iguacu e, portanto, em território hoje catarinense, isto já por volta de 1840.

### OS CAMPOS DE "SÃO JOÃO"

Mais tarde, iriam os mesmos paulistas ou curitibanos a outros campos, ainda ao sul do Iguacu, que chamariam Campos de São João, muito próximos dos de Lages. Pretendendo havê-los descoberto por primeiro, põem-lhes igualmente fogo, para marcar a posse e a descoberta, mas a quantidade tão intensa faz com que os grossos fumos sejam avistados por 8 fazendeiros de Lages, que, em vista disso, vão até ali e têm com os paulistas algumas alterações. Essa e outras novas penetrações paulistas fazem com que o governador catarinense, General Antero de Brito, fundamentasse o primeiro protesto catarinense, reclamando contra autoridades paulistas nos campos de Palmas, sustentando que todo o território ao Leste do rio Santo Antônio e ao sul do Iguacu pertencia à sua Província.

Ficaria registrado, dessa forma, em 1844, o início da disputa lideira entre o Paraná e Santa Catarina, após a desincorporação daquele, da Província de São Paulo, a que pertencera como 5.a Comarca.

Emançado em 1853, herdaria o Paraná a contenda que passou a ter com Santa Catarina, em torno dos ainda mal configurados limites das respectivas Províncias.

## AS EXPLORAÇÕES DO CEL. JACQUES OURIQUES

Rio Negro já era povoado, e assim também Papanduva e Lucena (hoje Itaipópolis) quando, em 1882, sendo comissário imperial de terras no Paraná o engenheiro Cel. Alfredo Ernesto Jacques Ouriques, vai este, em comissão especial do governo daquele Estado, a uma série de explorações na região do ex-Contestado. De suas investigações dos rios Iguacu, Negro, Canoinhas, Timbó, da serra do Espigão, do morro Italo e das cabeceiras do rio Itajaícu, deixou ele publicado amplo relatório, por nós já referido, dando as características geograficas que colheu, e fornecendo detalhes dos então ainda mal conhecidos rios Timbó e Canoinhas.

O rio Canoinhas foi por ele explorado desde a foz até às nascentes, e não havia indício algum de povoamento às margens, até 1882. Apenas a riqueza da flora e da fauna, em suas mais abundantes espécies, bem como sinais visíveis da presença de aborígenes.

O rio Timbó, afirmava: "nascia na serra do Espigão, atravessa a em seu prolongamento de Oeste e, depois de parecer dirigir-se para o Sul, desce a cair no rio Iguacu, pouco acima do Pôrto da União."

Examinam os expedicionários de Jacques Ouriques, o curso todo, desse rio, e entre eles se encontravam: Antônio Carlos Rodri-

gues de Lima, Gaston Pinot, Peterl e Costa Pereira Júnior. E por essa ocasião que se demonstra que o citado rio, contrariamente ao que se supunha, não poderia ser confundido com o rio do Peixe, do mesmo significado, segundo a toponímia tupi-guarani.

Encerrava-se, por essa maneira, o ciclo das incursões e das bandeiras, que deixaria marcadas suas definitivas influências nos futuros limites, em povoamento da região.

É a vez, agora, de historiar-mos o tropelismo, e os primórdios do povoamento.

(1) nota do autor, chamava-se propriamente "Rio do Registro" ao curso inferior do Iguacu, onde existia um registro da passagem do gado vindo das campanhas do Sul; daí para diante, ao receber as águas do Rio Negro, passava ele a chamar-se Iguacu Golo-Covó da linguagem Uaingang Umas e outras vezes, porém, chamava-se ao "Rio Grande de Curitiba";

(2) — O "Pôrto de N. Senhora da Conceição de Cayacanga" era o atual Pôrto Amazonas, no Iguacu;

(3) As iniciais "V. R. P." eram marcos próprios de todas as expedições ordenadas por D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, e significavam: "Viva o Rei de Portugal";

(4) Rev. do Arquivo do Est. de S. Paulo, "Documentos Interessantes", vol. IV, pgs 54 a 56; Coelho Rodrigues, "Questão de Limites";

(5) M. I. Coelho Rodrigues, obra citada, pgs. 664;

(6) autor e obra referidos, pgs. 664;

(7) revista referida, vol. 4.0, ref. 1851, pgs. 425 a 438